PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 11
ANO 2
FEVEREIRO/2020

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Esse mês, a Revista Pixé circula novamente com dois números. Decidimos fazer um único editorial. Que os leitores não acreditem tratar-se de preguiça do Editor. A estratégia é deliberada. Selecionamos os artistas Waldomiro de Deus e Jéssica Traven. Ele, experiente artista popular baiano a ilustrar uma revista nascida no centro geodésico da América do Sul e ela, jovem cuiabana dedicada à aquarela, convidada para participar de uma edição especial de brasileiros que moram no exterior. O que isso significa? É o samba do crioulo doido? Como sabemos que nada surge sem propósito, temos muito o que dizer com a arte e com a literatura presente nesses números.

Ao completarmos nosso primeiro ano, a Revista Pixé não tem um programa estético definido. Não lançamos manifestos. A ausência de manifesto pode ser tomada como uma forma de programa, plataforma, manifesto. Estranho, não? As vanguardas modernas nos ensinaram alguma coisa: em todas as posturas que proclamam o novo, há uma semente autoritária. Essa obsessão pela superação do passado tornou-se paranoica. Até o limiar do século XXI, importante era negar, romper, desafiar. Inevitavelmente, os vanguardistas estabeleceram a sua própria cartilha estética, prontos para o ulterior desafio, uma espécie de autofagia psicótica. O que os jovens revolucionários não desconfiavam é que o conservadorismo é um instintivo de sobrevivência.

A Revista Pixé não tem pauta! O ecletismo é a força do contemporâneo e seremos significativos na medida em que nos solidarizamos com a diversidade. A eleição da obra de Waldomiro de Deus é uma das afirmações que buscamos. Por quê? A arte popular foi varrida pela erudição moderna, rejeitados nas galerias em grande parte do século passado. O naif foi acusado de não ter futuro, compromisso inovador, experimentação técnica, profissionalização artística. O artesanal passou a ser uma arte de segunda categoria, preterido pelas outras tendências, cada qual encastelada na arrogância de varrer a tradição para debaixo do tapete. É passado! – acusavam os autoproclamados modernistas. Curiosamente, o que há de mais atual é o artesanal na xilogravura, na litogravura e na *street art* do grafite.

Geração após geração, sucediam-se revoluções estéticas até se estabelecer uma tradição de vanguarda tão manjada quanto conservadora. Como deve se posicionar uma publicação contemporânea como a Pixé? Nossa única certeza é não ter ostentar nenhuma certeza. Essa postura não é dúbia, não é covarde, não é abstencionista. É apenas um modo de ver a realidade. O que nos importa mais é criar uma grande tribo do que pontificar um estilo único. Preservar a diversidade é assumir uma postura não-autoritária. Portanto, o experiente artista popular baiano tem o mesmo espaço da jovem artista cuiabana, uns escrevendo do centro e outros escrevendo de fora do país. Tampouco buscamos o que seja "a brasilidade" porque a imagem convergente, monolítica, idealizada de um só Brasil não nos ilude.

Quando escritores dizem que são "pós-modernos" não deixam de seguir a cartilha da modernidade a fim de estabelecer essa classificação: uma lógica linear e progressista de superação do passado pelo presente, pressionando o futuro com as mesmas paranoias de sempre. Somos pós-nada. Estamos vivos e mergulhados na essência humana mas num tempo circunstancial, onde as fronteiras viraram convenções e a realidade é suprarreal. Queremos as idiossincrasias de uma comunidade tribal, com índios, pajés e caciques, unidos em cerimônias de afetividade. A Revista Literária Pixé coloca-se dessa forma por saber que a ética da tribo: o passado não é pior do que o presente e que o futuro não será necessariamente melhor. Talvez seja esse o nosso manifesto. Talvez...

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Aclyse Matos
8 Adriano Espíndola
10 Agnaldo Batista de Lima
12 André Siqueira
14 Caio Ribeiro
16 Clark Mangabeira
18 Divanize Carbonieri
20 Edson Flavio
22 Eduardo Mahon
24 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
26 Iael Aguirre
28 Janet Zimmermann
30 João Bosquo
32 **Waldomiro de Deus**
34 Klaus Henrique Santos
36 Leni Zilioto
38 Lucas Lemos
40 Lorenzo Falcão
42 Lucinda Persona
44 Marilza Ribeiro
46 Maria Elizabete Nascimento de Oliveira
48 Nyll M. N. Louie-Alicê
50 Raí Prado Morgado
52 Raquel Naveira
54 Rubenio Marcelo
56 Stéfanie Sande
58 Thiago Costa
60 Walesca Cassundé
62 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Aclyse Matos, Adriano Espíndola, Agnaldo Batista de Lima, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Ribeiro, Clark Mangabeira, Divanize Carbonieri, Edson Flavio, Eduardo Mahon, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Iael Aguirre, Janet Zimmermann, João Bosquo, Klaus Henrique Santos, Leni Zilioto, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, Marilza Ribeiro, Nyll M. N. Louie-Alicê, Raí Prado Morgado, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, Stéfanie Sande, Thiago Costa, Walesca Cassundé.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Waldomiro de Deus

SINOS SIMBÓLICOS

Todas
e todos
tomam
Toddy
ao tédio
e tudo
e todxs
uma vez
ex-tudo
estudam
as antas
de antes
de ontem
enquanto
tordos
atordoados
(estrondo
campanário)
voam
ninham
estorvam
as caiadas
paredes
sem palavras

Aclyse Mattos
É escritor e poeta. Flor de metal foi escrita no Rio de Janeiro na época em que o Peça Original ensaiava na Ilha do Governador para tocar no Planetário e sobre a noite esfumaçada na Avenida Brasil a lua quicava sobre os prédios ao sabor das curvas. Livros recentes: O Sexofonista (contos), Sabiapoca (infantil) e Festa (poesia).

CINCO PALMOS

Cinco palmos nos separavam. Uma capivara em miniatura. Tenho essa mania, de transformar pequenas criaturas em membros da mesma família, sendo que maiores. Meu gato Sunshine, por exemplo, grandíssimo e poderoso, e selvagem, muitas das vezes, porque ainda guarda as características mais ínsitas da natureza, pousa como um legítimo modelo de leão da savana, quando descansa esparramado no tapete da sala – o dono da porra toda; um felino doméstico dos tempos modernos. Invariavelmente, olha com desprezo e alicia a sua autoridade sobre nós, os mortais. Ele é *Bastet*, um deus ou uma deusa, que suplanta todas as insignificâncias de uma vida comezinha.

Voltando ao roedor, chamam-na vulgarmente de catita. Sendo pragmático, um serzinho tacanho. Mas – incrível – essa, pelo menos, não se sentiu acuada com a minha presença. E olhe que eu estava em posição desfavorável; indefeso, no banheiro.

Ela, vinda não sei de onde, se movimentava com uma precipitação ímpar, e fazia o que queria, talvez compreendendo, de alguma forma, a minha fragilidade ali. Eu simplesmente a olhei se bulir de um lado para outro, atrás de algo que depois fui descobrir, um mísero farelo da comida do *Sunshine* – que, nesse dia, por sorte, estava no veterinário, cuidando de seus lustrosos caninos, para uma nova e breve investida.

Não pude me desvencilhar do inconveniente. Tive de me manter inerte, como se nada acontecesse, controlando as emoções. Fiz de tudo para conter os ímpetos; mas algo sobrenatural percorria o ar.

Uma capivara, enfim, no meu banheiro, não teria a menor condição de fazer as estripulias da catita. Fui obrigado a me desligar completamente do lúdico, da fantasia. O animal, por sua vez, tomou ares de superioridade. A empáfia cintilava livre. Bobo, dei sugestão de me movimentar, e ela veio para cima, com os dentes à mostra; longos e finos: navalhas – já os senti em outra oportunidade.

Abandonei quaisquer estratégias; as expostas no *Youtube* indicaram a eliminação. Não mato uma formiga sequer. Não sou tão bonzinho assim, também. Não me considero onívoro. Sou carnívoro convicto e onívoro nas horas vagas. Mas não devo fazê-lo sem propósito algum. E eu, logo eu? Por quê? Não quero ser o motivo para o desespero de seu ninguém. Vi a dor de um rato preso por uma ratoeira. Ele se contorceu, retorceu, capaz de perder parte do corpo para se soltar. É desesperador. Definitivamente, não consigo.

A minha única sorte, naquele momento, foi esperar no meu lugar. Havia um batente à minha frente e alguns apetrechos para espantar a figura afrontosa. Contudo, como esperado, não teve a audácia de ultrapassar a barreira dos cinco palmos. Ficamos a essa meia distância. Uma distância ínfima e ao mesmo tempo colossal. Sentíamos nossa existência por um fio. Até que, de súbito, pois não havia encontrado o que tanto queria, retirou-se como chegou, num passe de mágica. Escafedeu-se, para nunca mais.

Pensei, ainda, que fosse sonho, ou uma ligeira ressaca natalina; mas pude confirmar que não: deixou um odor forte; urina e fezes. Desinfetei a ponto de deixar a cerâmica do piso mais opaca. Suponho que *Sunshine* nem cogitou a animosidade. Não quis aflorar os seus instintos. Aí, sim, ele viraria um leão.

Ficamos assim: uma história de enfrentamento, eu e a catita; eu e a magnífica capivara, que veio me visitar e, certamente, reclamar o seu lugar.

Adriano B. Espíndola Santos
Natural de Fortaleza, Ceará. Autor do livro Flor no caos, pela Desconcertos Editora, 2018. Advogado humanista. Mestre em Direito. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

HUMANATÔNITOS

(Para Antônio Sodré – in memoriam)

Penoso assentir olhar
que flerte
a retina
o cérebro
o coração
e a alma!
Inertes à mesa
corpos
absortos
atônitos à vida
em tela
falam de seres
que não vagam ali.
E de palavras vãs
arrenegado
farto
tácito
no mundo
receio
tornar-me tema.
Doravante em versos
converto
meu trajeto
o suplício
minha voz
esta sina
(e pasmo.)
Que universo agora
de miragens esparsas?

Agnaldo Batista de Lima
É natural de Mariluz, PR. Licenciado em Letras pela Unemat – Universidade do Estado de Mato Grosso (2002). Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pelo ICE – Instituto Cuiabano de Educação (2004). Especialista em Gestão Escolar pela UFMT – Universidade do Estado de Mato Grosso (2010). Mestre em Letras pelo Profletras – Mestrado Profissional em Letras Unemat – Unidade *Campus* de Sinop, 2019. Tem artigos publicados nas áreas de Literatura, Linguística e Cidadania e Controle Social. Organizou a publicação de coletânea de poesias de alunos na obra *Um convite à leitura* (2011; 2012; 2014) e a coletânea *Poemas na escola* (2018). É professor na rede municipal de ensino de Alta Floresta, MT.

TÉDIO RESSENTIDO

Todavia estivera adormecido entre porcarias.
Brechó na beira da estrada que não te alcança.
Esfinge selvagem tomei consternada, numa
certeira desolação de abajur.
Quebre a luz, meu bem, porque mil febres
explodem - não posso mais! - nesse regaço
sem vintém!

BON VIVANT NEM TÃO BOM

Que vida mais zoeira
parece perfil fake por aí
pelas tantas conduzo-me
mormente teço-me na tragédia
desse punhado de gente
deixo de bobeira subo pela
ladeira decotada
defumo a alegria
da batucada de néon
apesar dos azares colo
na brincadeira do som

CITY PÓS 30

Carros entre correrias
bancos entre reféns
comprar ralar violentar.

Uma mulher vai rápida.
Um assalto vai normal.
Um infante vai cauterizado.

Veloz... os celulares olham.

Aff tô online besta, sem Deus.

DELITO

meu morro não é pacificado
trafico versos degradados
tiroteio nos mamilos
crimes de paixão
meu morro é verso sem padrão
esfumaça o tesão

tiro tiro tiro
fissura da manhã
espera coração!

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Já publicou poemas em várias antologias, revistas, jornais e sites de literatura. Publicou de forma independente dois livretos intitulados "Quase Ontem" e "As manhãs fechadas". Cursou a faculdade de Letras, porém sem concluir e atualmente faz Pedagogia, além de participar de eventos literários, oficinas de poesia e demais trabalhos.

RITO PARA INAUGURAR UMA SOLIDÃO

arar um espaço
separar com certeza o que não serve daquilo que será utilizado no instante agora
encaixotar aquilo que não tiver certeza - e arremessar de um abismo.

trabalhar com a dedicação que lhe convir
e tornar este espaço
uma zona

de um tecido antigo
que pode ser a própria pele
ou mesmo cera
inscrever um convite
ou uma convocação
- de acordo com a sua necessidade de formalidade –
pode até ser um bilhete, em último caso.

preparar um copo de suco
ou lágrima

espere por cinco minutos em completo silêncio
e depois mais tantos outros minutos pensando
e depois pesando
e depois prensando
prendando
mas não
pretenda
nada

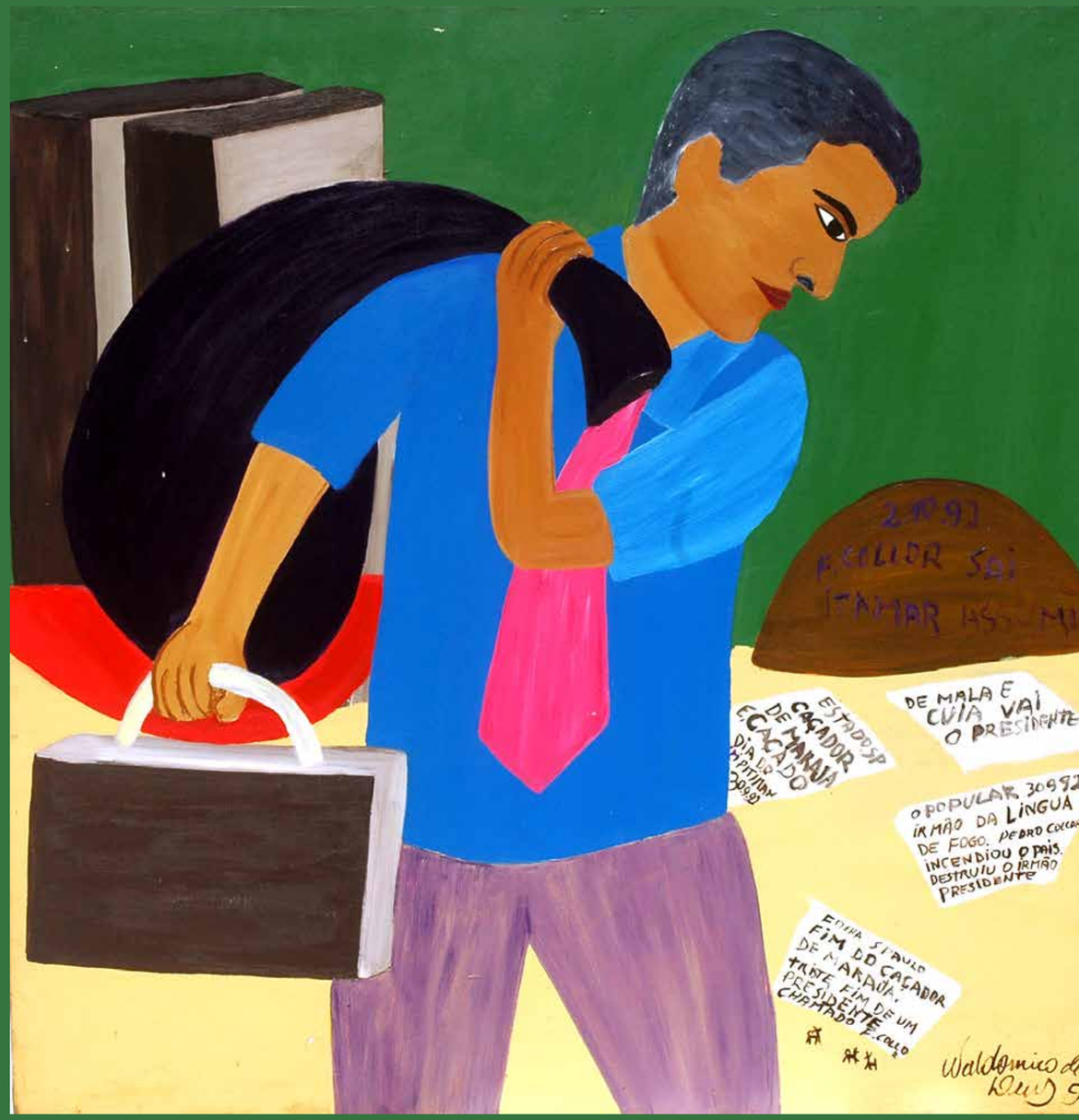
enderece o convite, bilhete ou convocação
a si
e envie pelo correio.
aguarde o tempo necessário
e não pense muito sobre o que está fazendo.

quando o convite inscrito chegar
vá e
beba de forma simples
sem muito escândalo
aquele suco ou
aquela lágrima

a cerimônia depende de sua vontade
dispense músicos e poetas
não faça nenhum tipo de sarau

esteja sozinho
e ao fim
quando não houver trombetas
cerimoniais e
dispositivos
apenas o som
de grilos
limpando suas asas - ou nem mesmo eles –
está inaugurada
a sua nova solidão.

Caio Augusto Ribeiro
É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réquiem Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes hibridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.



Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

TE VEJO DEPOIS

Há muito que ele não olhava pela janela, para trás, sem saber se lá era o tal atrás mesmo.
Talvez fosse a frente de algo que ficou ou as costas daquilo que passou.
Não fazia a menor ideia.
A vida era assim mesmo, sem frente nem de repente.
Droga.
Olhou pela fresta e sentiu o mesmo friozinho que dava na barriga antes de abrir os presentes de Natal quando criança.
E lá - ou cá - estavam, sempre estavam.
Sal do mar no cabelo, ficar meio tonto nas ondas, jabuticabas do pé.
Correr lá para baixo e jogar bola - tentar ao menos, o perna de pau de sempre.
Refrigerante dois litros compartilhado no gargalo, doces de Cosme e Damião, hi-fi de fanta uva (só para bancarem os rebeldes, ignorando o clássico de laranja).
Heróis coloridos, brincadeira do copo e juras de amizades eternas.
Lágrimas escondidas, beijos roubados no escuro, salão de festas e uma rua como tantas outras que, não sendo, são.
Olhos verdes, castanhos, pretos.
Vodka barata, baseado gasto, violão no pé do ouvido, tapete sujo, terraço em obras.
Uma rachadura no chão, o choro enquanto o corpo descia devagar, costas na parede, pinta de filme da Sessão da Tarde.
Silêncios altos histéricos.
E outros tantos singelos.
Mãos dadas no ano novo, lojas de conveniência 24 horas.
E 48 de viagem para um sítio no final de semana do fim de ano.
Noitadas, Lapa e mais nada.
Nada.
A janela fechando e a frestinha que só mostrava o que importava.
Lá no tal atrás.
Hora de fechá-la porque já tá acabando, quase meia-noite.
3, 2, 1...
Feliz ano novo.
Tudo de novo e já fui.
Ou vai logo!
Até breve ou tanto faz.
Outra vez na janela?
Combinado!
Como diz a nossa música preferida - só nossa, por direito! - “See you on the other side”.

LÍQUIDO

os peixes se entrecruzam no mar espesso
cortam caminho em meio denso cor de âmbar
ou cristalino entremeado de luzeiros
percorrem toda extensão que as águas encobrem
separados do céu num exílio eterno
isolados como nós que somos cindidos
anfíbios antigos mix de peixes e bípedes
a terra que nos dá forma e consumirá
cuspirá fora nosso líquido ancestral
que retorna sempre contornando os obstáculos
aplainando asperezas e limitações
até sobrar só o liso por que corre o fluxo

REBENTO

de boa cepa nasce o rebento por entre
as rochas brotando no território de outros
serpenteia o corpo tenro rumo ao céu
estica ao sabor da intempérie e exposto
como os demais ramos batidos na tormenta
sobe moroso até se tornar tronco inteiro
tora redonda com cúpula bem aberta
na mata tudo parece mesmo sereno
mas bem se sabe que os ipês e as samambaias
como as sibipirunas embatem-se pelo
espaço parco para permanecer sempre
mesmo sem propósito certo na existência

Divanize Carbonieri
é doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas *Entraves* (2017), *Grande depósito de bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (no prelo) e *Furagem* (no prelo), além da coletânea de contos *Passagem estreita* (2019).

POEMA-PÓS-PIXÉ OU ANTI-VOCÊ SABE O QUE

um sapo sozinho
não incomoda ninguém.
(será?)
mas se
grasna alto
e
pula muito

corre o risco de,
no meio do brejo,
ser engolido

sapo de fora
não chia.
mas
quando coaxa
enche o saco.

sorrateira, ela
ela, sorrateira.

coaxeiro, ele
que viraria príncipe
se engolido não fosse.

o peixe morre pela boca
o sapo,
também.

boca grande não é defeito
língua grande, muito menos.
qualidades!!!

se em terra de sapo
mosca não dá rasante
uma coisa eu digo:
cuidado co´eles.

CORPO NO CHÃO

um corpo no chão
no vão
não vale um tostão.

um corpo jogado
largado
imundo

sem rumo, sem prumo

um corpo com frio
com fome
vazio.

será que tem sonhos?
família?
alguém?

esse corpo
peso morto

de uma sociedade
no chão
no vão
da vida.

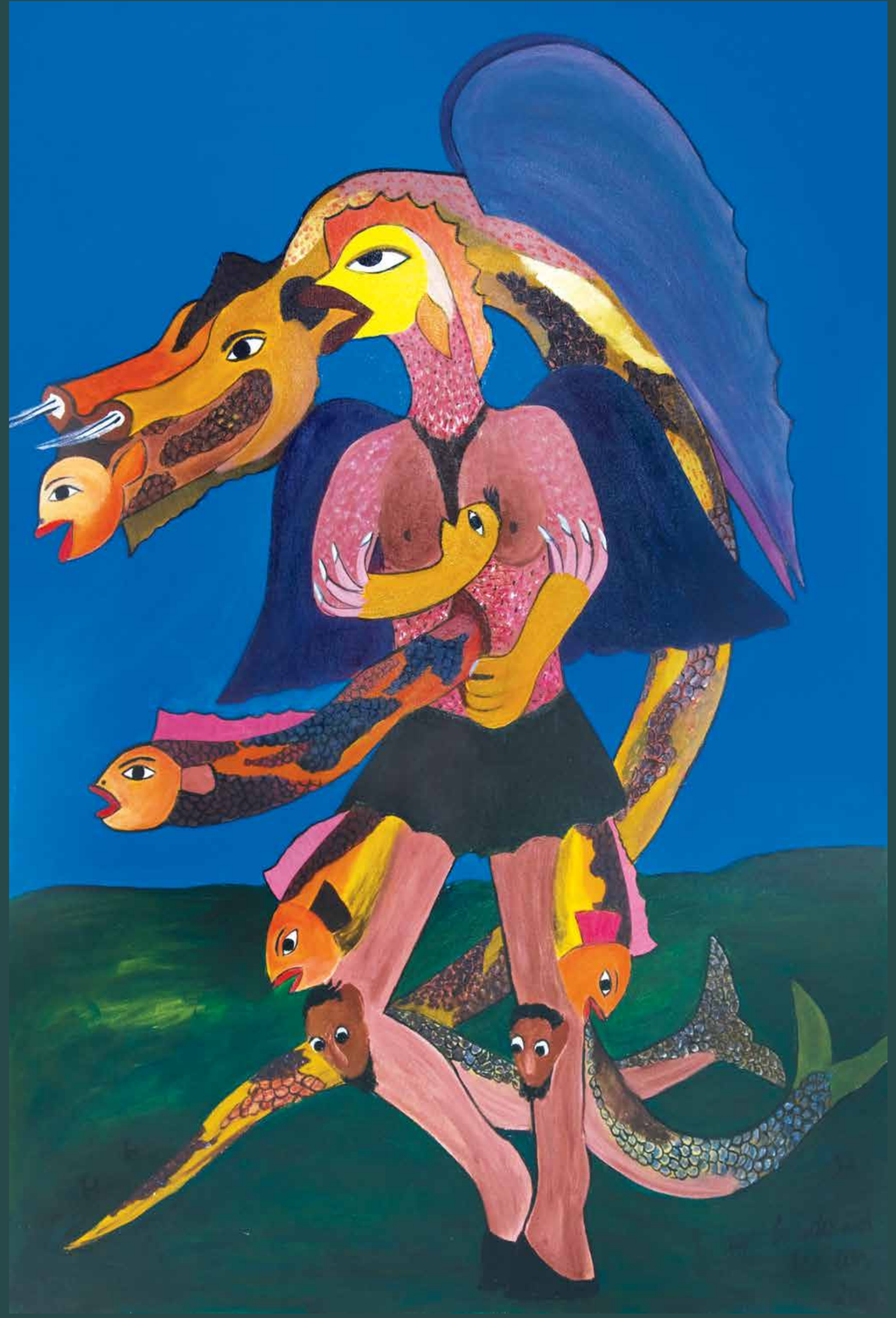
Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) onde, atualmente, é docente e pesquisador na área de Literatura. Amante da poesia, escreve desde quando ganhou seu primeiro concurso, ainda na escola. Pretende publicar seu primeiro livro em 2019.

COMUNHÃO

A comunhão de silêncios
Dos velhos que vão morrer
Dos apostadores inveterados
Da mães que amamentam
Dos operários exaustos
O silêncio dos padres confessores
Do diagnóstico dos médicos
Dos mendigos que agradecem
Do gado que será abatido

No silêncio, tudo é véspera
É lá que nos descobrimos sós
E unidos, em comunhão

Eduardo Mahon
42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.



MIRADA

Vamos
Qual é a mirada
Que a você enigmático
E desconhecido
Lanço?
Olho e penso
Que você grande TOPETE
Nada vê.
Foco em suas bravatas
E me sufoco quando imagino
O mal que pode gerar.
E é assim que bombas explodem
No Oriente
Desolada e desorientada
Penso nas obscuridades
Pairando no mundo
Tanto faz nas Américas
Quanto do lado dos Aiatolás
Assim não me cruzo
Com nenhum olhar
Tais poderosos estão
Em clara e profunda
Perda.
Me sinto perdida
A proximidade de uma guerra
Traz uma triste imagem de bombas
Que decepam vidas,
Que acabam com esperanças
Não existem infantes
O poder é tresloucado
E para nós
O que resta é focar
Que talvez você, enigmático e desastroso
Ser possa ainda pensar
Um pouco em nossa humanidade...

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

CEIFADOR

Venho de baixo
rastejando com os padecidos
sou nativo da umbra
sou vestígio na sombra
sou primo do corvo, sou pai do verme
sou cheiro fétido no velório
sou rasgo na epiderme
sou lágrima da viúva
sou bactéria, sou germe...

Sou dia cheio no necrotério
sou garoa na madrugada
sou mosca sobre o cadáver
sou cova recém cavada
sou a arma do assassino
e sou a mãe desamparada
sou coberta branca sobre o corpo
sou tragédia inesperada

sou a praga
sou o nada
sou o ponto final.

SEREIA DO ESGOTO

Se diz linda, linda.
Formosa, suja
sereia do esgoto, rainha
dos coliformes fecais
beleza rara, do fundo
do buraco fundo
que sobe junto
à um desagradável
perfume de
desarranjo
intestinal.

Iael Aguirre
17, é estudante do Centro Educacional Anália Franco, em Cáceres. Oscilando entre o mais dócil mel e mais ferrenha tortura, como o resto da humanidade, o jovem poeta Iael Aguirre descobriu na veia poética uma excelente ferramenta terapêutica para dialogar com os próprios diabos, tal diálogo proveniente de leituras literárias e pesquisas escolares, sendo a mais recente, estudos acerca da marginalização do meio artístico em sua cidade natal, sendo esta Cáceres-MT. Menino de muitas leituras e escritas, desde muito cedo embrenhava-se pelo gosto dos livros, sendo muito observado e incentivado em seu âmbito escolar pelas suas professoras de Linguagens, sendo as mesmas com o olhar sensível e atento, deu a este menino incentivos para se aproveitar da poesia, como leituras e tessituras como uma forma de acalentar suas inquietações.

ONOMATOPEIA TORTURANTE

uma placa de V E N D E - S E
qualquer troço

uma H O R R E N D A placa de metal
com letreiro em branco e preto

uma maldita e grave placa
C O V A R D E M E N T E
pregada no pescoço de um coqueiro
[tão lindo, tão moço!]
nascido crescido e residente e domiciliado
no acostamento da beerre zero sessenta
pertinho do Bolicho Seco
ali de Sidrolândia

o vento árido do árido mês
replicava incessantemente
torturante onomatopeia
enquanto eu olhava olhava e orvalhava
a minha sequidão
                indignada...

sim, dois mil e dezenove
foi um ano catastrófico,
mas aqueles plac-placs ainda estapeiam
a minha consciência
                alheia

"v e n d e - s e"
O RAIO QUE A PARTA!

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: "Asas de JIZ", Editora Life (2013) e "Pétalas Secretas", Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira"- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.

CANTO PANTANEIRO

O canto vivo do pantanal
É o som do rio corrente
Que corre como um signo
Entre peixes e aquário

O canto pantaneiro, amor
Tem xis, chiados e pipios
Entre a luz e o entardecer
De todos os voos singulares...

O canto é música sonora
Que os ouvidos do coração
Ouve sem precisar escutar

O canto do pantanal – ouça -
Guarda mais que revela
Toda natureza infinita.

SOBRE GATO E ONÇA PINTADA

O gato circula tranquilo pela casa
como se estivesse em paz
consigo mesmo

Ontem, talvez o gato não se lembre,
ele matou uma lagartixa
de forma demorada, quase uma tortura,
para satisfazer seu instinto felino

Que fazemos nós para satisfazer
nossos instintos mais primitivos?

Será que o gato imagina
que é primo da onça pintada?

Será que a onça pintada sabe
que está perto de desaparecer do mapa
da fauna do Pantanal Mato-grossense?

Será que a onça, após o óbito,
em nova reencarnação,
vem como gato doméstico?

O gato de olhos adormecidos
se move manso
sob o olhar sem filosofia do poeta.

João Bosquo
poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

Waldomiro de Deus
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Waldomiro de Deus Souza (Itagibá BA 1944). Pintor e desenhista. De origem humilde, leva uma vida itinerante pelo sertão baiano e norte de Minas Gerais, até vir para São Paulo em 1959, quando trabalha como engraxate. Começa a pintar em 1961, utilizando guache e cartolina encontrados na casa de um antiquário, onde trabalha como jardineiro. Acusado de negligência, perde o emprego e leva seus trabalhos para exposição no Viaduto do Chá - acaba vendendo dois deles para um americano no primeiro dia. Em 1962, o decorador Terry Della Stuffa fornece-lhe material e um lugar para pintar e, em 1966, faz a sua primeira exposição individual na Fundação Armando Álvares Penteado, Faap. No auge do movimento hippie, desfila de mini-saia pela Rua Augusta. Pinta temas religiosos ligados ao céu e ao inferno, criando imagens polêmicas, como Nossa Senhora de mini-saia, cinta-ligas e botas e Jesus de bermudas. Por causa disso é raptado por um grupo de jovens armados da organização TFP (Tradição Família e Propriedade), porém convence os rapazes a soltá-lo. Expõe em vários países como a Inglaterra, Itália, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos. Em 1972, volta a viver em Osasco. Viaja a Goiânia GO, em 1977, e lá monta uma casa. Vive de sua arte desde a década de 60, pintando o cotidiano e o folclore de sua terra natal: festas populares, histórias sobre mula-sem-cabeça e lobisomens, bem como imagens escatológicas e eróticas. As figuras humanas são sempre mulatos, nunca brancos ou negros. Em todas as telas há a presença de três cachorrinhos. É considerado o maior primitivista brasileiro ao lado de José Antônio da Silva e Djanira. É reconhecido internacionalmente como um dos mais criativos pintores naifs. Em 1983, é premiado com a Awarding the Statue of Victory pelo Centro Studi e Ricerche Delle Nazioni, na Itália.

CADÁVER DELICIOSO

As primeiras chuvas de setembro vieram raivosas, trazendo ventanias em excesso. Há quase quatro meses não caia chuva no norte de Mato Grosso. Vacilei ao pensar nisso, mas mesmo assim liguei para Bianca e a convidei para um luau a dois, às margens do Rio Teles Pires. A proposta era de uma fagueira mágica e ao sabor de vinho tinto, escrevermos o início do projeto de um livro em conjunto.

Escrever com ela não seria nada fácil. Do lado de lá, Bianca com seus pensamentos complexos sobre a simplicidade das coisas. Do lado de cá, eu, com meus excessos, tomado pela vaidade, buscando a glória de viver para sempre em alguma estante de biblioteca. Sem dúvida uma experiência ímpar com alguém por quem tenho tanto apreço, para não me delongar nos elogios que lhe são devidos. Desafiaríamos nossa criatividade e concepções individuais para construir um único livro, em cujo enredo nos completaríamos em plenitude. Viveríamos para sempre nesse primogênito, fusão impressa das nossas essências.

Demos jeito para escapar de nossos respectivos trabalhos e fui buscá-la em casa, ao final de uma tarde de quarta-feira. Antes havia me encarregado dos suprimentos: duas garrafas de vinho tinto, salame, queijo e azeitonas para petiscar.

O meu velho Fiat aguentou bem os quase cinquenta quilômetros de estrada de terra que percorremos da cidade até a velha cabana de um amigo, às margens do rio. Boa parte do caminho cortava a mata e era extremamente estreito. Os galhos dos arbustos e das árvores deixaram suas marcas em ambas as laterais do carro e o estrago só não foi maior porque a pintura já estava em ruínas. Quando chegamos, encarreguei-me da fogueira, enquanto Bianca vasculhava a cabana a procura de taças para o vinho. Os copos de plástico descartáveis que eu tinha no carro estragariam o sabor da bebida e a magia de tudo que aquele momento simbolizava. Juntei galhos que estavam ao redor das árvores e os amontoei meticulosamente. Sempre me senti um grande arquiteto do fogo. As chamas do isqueiro tocaram os galhos secos e os envolveram no derradeiro abraço. Logo o fogo estava alto, nos dando calor e iluminação. Estendemos um tapete ali próximo e abrimos a primeira garrafa de vinho. Brindamos com copos de massa de tomate reutilizados e sorrimos. Não precisávamos de taças, a intimidade e a satisfação daquele momento compensava qualquer regra.

Por quase uma hora conversamos despretensiosamente sobre os últimos acontecimentos, nossas opiniões sobre certas situações e figurões da política. Como era costume, não demorou a haver conflito. Até hoje tenho saudade desses embates, dos desafios que ela me fazia e os questionamentos. Era muito bom crescer com ela e ajudá-la também.

Quando começamos a discutir, fui preparar uma porção com os petiscos que trouxera, ao paço que Bianca vasculhou o interior do carro à procura do bloco de anotações. Servi-lhe mais um copo de vinho enquanto ela atacou a comida. Deitamos no tapete e olhando para um cedro centenário rodeado pelo céu estrelado naquele local exuberante onde a vida pulsava em essência, começamos a escrever. As duas primeiras páginas formariam um conto fantástico, mas decidimos recomeçar e atiramos no fogo o que havia sido escrito até então. No bloco, fiz uma frase, dobrei a folha e lhe estendi, pedindo que continuasse sem ver o que eu havia escrito. Ela o fez, dobrou a folha novamente e me devolveu. Meio sem querer iniciamos o nosso primeiro e único cadáver delicioso. Aos poucos, os nossos pensamentos ganharam uniformidade e se aproximaram. A cada frase estavam mais próximos. Eu olhava para ela quando escrevia, reparava no contorno do seu corpo refletindo as chamas da fogueira. Tive que me controlar. Abri a segunda garrafa de vinho enquanto ela desenrolava a página para lermos o maravilhoso resultado, só nosso. Pela primeira vez em muito tempo senti a conexão espiritual com outro ser e tive certeza da grandiosidade do ato de compartilhar.

Adormecemos ali no tapete e fomos despertados por pingos de chuva durante a madrugada. A fogueira já havia se extinguido há algum tempo e não havíamos percebido. Apressadamente levamos nossas coisas para o carro e iniciamos o caminho de volta. A chuva aumentou bastante e alagou partes da estradinha. Em um desses locais o Fiat atolou e os buracos de ferrugem na lataria recepcionaram a entrada de água, que cobriu nossos pés descalços. Gargalhamos risadas extremamente honestas com aquele imprevisto. Bianca assumiu a direção e eu desci para empurrar. Desequilibrei-me quando o carro ganhou impulso e por muito pouco não mergulhei na poça. Fui para o banco do carona e segui como passageiro o restante do percurso até em casa.

Faz tempo que não vejo Bianca. Até hoje guardo com carinho o nosso escrito. Arranquei as folhas do bloco de anotações e as colei em um caderno onde anoto pensamentos. O tempo nunca existirá para o que vivemos, escrevemos e nos demos a chance de compartilhar.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

Leni Zilioto
É natural de Guaporé-RS. Residiu em Passo Fundo-RS, em Serafina Corrêa-RS e em Nova Mutum-MT. Atualmente, reside em Sinop-MT. É mestre em Gestão e Auditoria Ambiental e especialista em Educação Ambiental e em EaD. É bióloga, palestrante e escritora, com doze obras publicadas e várias participações em coletâneas. É curadora para exposições e coordenadora de projetos em audiovisual. Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras. Recebeu duas "Moções de Aplauso" e a "Comenda Colonizador Ênio Pepino" da Casa Legislativa de Sinop, e o título de "Cidadã Mato-grossense" da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, pela contribuição das suas obras à leitura, à literatura e à cultura mato-grossense.

HONESTIDADE E TRABALHO

Nossos passos abriram caminhos,
devastamos florestas, cerradões;
hoje lhe dou uma flor, sem espinhos.
e de azul vou pintar corações.

Nesta terra, há almas iguais à minha.
Em cada canto, há um homem, uma mulher, sonhando.
Entre riso ou pranto, jovens caminham.
Seres que os jardins vão perfumando.

São Nerudas, Fernandes ou Lygias correndo;
no vagar do tempo e, ao embalo do vento, saúdam
picos e vales na imensidão do cerrado. Filhos alados.
Amados. Saúdam o ouro da terra e, por vezes,
há tempo, miúdo, para o pôr do sol dourado.

Entre a reforma da terra, há a reforma do homem.
Como se, para os dois, ela fosse necessária.
Capital humano usado em manobras do estado.
E a juventude de moços, arada na terra que,
involuntariamente, cobre, cuidadosa-agressivamente,
o viço de cútis femininas.

Entra, céu azul dos teus olhos! Para minha paz.
Para que cidades, crescentes,
não cinzem tão cedo a minha estadia. O vinho tinto e a lua
namoram e pedem verdes e cheiro de mato, ainda que
misturados às luzes urbanas e às alegrias que não cabem
em mim, enquanto minhas palavras ocupam o mundo – meu mundo.

Faça-se em mim, cá tão distante, as vontades do sim.
Do meu sim!

DEUS

"nas mãos de deus"
nas costas do carro sem dar seta
a mãe viciada em rivotril
eu a filha em marijuana
o mundo prestes a acabar pela
terceira vez
e aqui estou escrevendo poemas
a pensar naqueles cabelos
armados...
raimundo me ganhou
a cozinha a sala o apartamento inteiro
inundando pela máquina de lavar entupida
enquanto subo as compras
enquanto em meu suor
percebo que o campo de
Batalha sou eu
o campo de Batalha sou eu
enquanto vejo em mim o Deus deste mundo
e a gente é deus que é
O Mundo
que coisa louca é saber-se o mundo

Lucas Lemos
É nascido em Juína-MT. Fotógrafo, acadêmico de Letras na UFMT, ator e diretor no Cena Livre de Teatro. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, "Nossa Alegria Triste".

BEIJO

ainda estou aprendendo
a te conhecer melhor.
sigo suas pistas
e reparo no seu cabelo
todas as vezes
em que nos encontramos.
às vezes nem te beijo
e é quando mor-
do sua sombra.
têm dias que te beijo
e então tudo fica
mais ou menos confuso.
você é mulher musa
que surgiu numa des-
sas esquinas da vida
pra sacudir o meu destino.
te conheci e te gosto
mas gostaria de sa-
ber te usar melhor.
cadê o seu manu-
al de instruções?

PINGUIM

o pinguim
é o santo da geladeira.
cumpre que fique sobre ela
a fim

de largar de besteira
e animar a festa da cozinha.
a casa toda, aliás,
é uma festa.
olho pela fresta
da porta da cozinha
e vejo o pinguim sobre a geladeira:

ele está imponente
e atrás de si
tem apenas um iglu imaginário
todo feito de cubinhos de gelo.
está quente pra caralho
e vai derreter essa merda toda.

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

ALELUIA

Não há em toda a cidade (talvez hoje)
nada mais sorridente do que a minha rua

O dia chegou ao fim
está quase morto e no entanto
tudo está muito vivo e exultante
prevalece o azul despido de nuvens
(não há ninguém a sorrir mais alto)

Cada instante decorre numa sucessão
de gargalhadas de sol e árvores
roçando telhados e muros
e na sonora prosa dos passarinhos
em cada galho que brota dos troncos

A simples vista revela a oferta:
há milhares de folhas (de alegria tinindo)
e tão muitas são as flores que ao ar se abrem
e as abelhas que voltejam em torno delas
(com o mel lhes fervendo no sangue).

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

PASSAGEM EM BRANCO/VERMELHO

Havia um menino no meio de um vazio
um vazio sinistro
numa rua sinistra.
Ele estava cheio de si
com um revólver na mão.
Havia um menino negro
na estrada do nada
na estreita rua calada
pisando descalço no chão.
Nem escutava mais o cântico
de seus antepassados
ensinando - o a ser um rei - caçador valente
na verde savana africana.
O menino no meio da sua sina
de ter uma arma na mão
brincando macio com a morte
pra ser um garoto bacana.
Havia um menino - Brasil com os pés nus
no meio de um caminho
sem avisos e sem volta
com a mão agarrando
os dedos frios de horror.
O estampido de um tiro certeiro
interrompeu seu caminho.
Na fronte pequena, molhada
uma rosa feita de sangue
pra decorar sua passagem
por uma estrada vazia.

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.

VISÃO

Retalhos de momentos,
fixados por uma mente míope,
na insana condição de uma menina-mulher
que perdeu a lição.
A ficção está na realidade
e a realidade está na ficção.
Vejo isso todo dia e me pergunto: será
em que caminho perdi esta lição?
A fome que vejo nos livros caminha por en-
tre a gente de mãos dadas com a exploração;
A amizade e a confiança são compradas em
doses homeopáticas, em farmácia.
Entregues com a seguinte advertên-
cia: acredite com moderação!
A hipocrisia e a prepotência;
a empáfia e a arrogância
de algumas personagens,
na realidade,
são os componentes vitais
dessa gente sensível feita só de verdade.
Enquanto isso, atiro o olho pela janela.

BIOGRAFIA

Desenho-me de sol,
de água e de lua,
como rascunhos
na areia do mar.
Pinto-me de amarelo
para anunciar a noite,
raios de luz a dançar na escuridão...
Faço-me de água,
contorno de obstáculos,
cachoeira de sonhos
a ecoar no meu riso...
Vejo-me lua para viver minhas fases,
faces a traçar minha passagem, sempre menina.
À deriva...
embarco sem remo,
com brilho,
de escapes,
em transição.
Feita só de rabiscos
finos e leves
a bordar a solidão.
Olho emblemas,
signos e mistérios,
desenhados fio a fio,
em casulo de mariposa,
pouco depois do milagre
da transformação.
No reflexo, o nada
da menina, nos meus olhos.

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira
É Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, tese intitulada: Dunga Rodrigues: uma jornalista no território da ficção (2019). Mestre em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, com a pesquisa que originou o livro: Educação Ambiental e Manoel de Barros: diálogos poéticos, Editora Paulinas/SP-2012. Especialista em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas, pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT-Campus de Tangará da Serra (2001). Graduada em Letras/UNEMAT - Cáceres (1998). Professora da Rede Pública de Ensino de Mato Grosso, desde 1997. No momento, atuando como professora formadora da área de linguagens no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica/CEFAPRO – Cáceres/MT. Membro dos seguintes Projetos de Pesquisa: No Centro-Oeste da "MARGEM": Cem Anos de Relações entre Cultura e Literatura em Mato Grosso (1916-2016), UNEMAT; Poética contemporânea de autoria feminina do Norte e do Nordeste, UNIR/Universidade de Rondônia.

Nyll M. N. Louie-Alicê
É o pseudônimo de Vinícius Dallagnol Reis. Nasceu em Sinop no ano de 1992. Redige poemas desde os onze anos, tendo se embrenhado também na escrita de contos. Suas poesias foram laureadas quatro vezes no Varal de Poesias da Unemat. Outra delas ("Tentação") foi escolhida para a seleção da Vivara Editora no Concurso Nacional Novos Poetas (2014). Em 2018, publicou sua primeira obra, uma breve coletânea de poemas intitulada "Escatolírica Nokturna". Os principais temas de seus textos giram em torno dos símbolos da memória, da noite e da morte: para o autor, portanto, o ato literário significa "dar moradia às lembranças".

INCÊNDIO NO JARDIM

Começou com uma pequena centelha:
de uma ainda mais pequena
estrela caída no jardim...

O jardineiro tentou com as próprias mãos
fazer com que mesmo no chão
as minúsculas labaredas sumissem...

Mas como pequenos insetos que pegam fogo
não houve fogo
que se rendesse a qualquer rogo...

Parecia que cada chama
era uma minúscula folha carregada
aqui e ali e em outro ponto no meio do nada...

O incêndio era demasiado colorido
de acordo com o trecho onde pegava
a crepitar e a fazer o alarido...

Era como um sonho demasiado repetido:
matizes de flores em combustão:
margaridas, alfazemas e camélias...

Nada que houvesse antes fora tão incomum
nada que estivesse nos limites da imaginação
de qualquer uma das lembranças já esquecidas...

No meio da noite, o jardim brilhava vermelho
alaranjando onde pegava na madeira já bruta
da casa, o primeiro jardim de flores mortas...

A família do jardineiro logo se viu presa
no meio daquela grande planta carnívora:
cujos muros de espinhos cercavam a redondeza...

Os gritos na noite incendiavam
ainda mais a noite
e exibiam um clarão natural...

Era com ele que a pequena estrela
poderia ver suas parceiras
no distante zênite daquele planeta...

As barras de ferro se contorciam
junto com as colunas das pessoas:
amores tardios feitos de plástico...

Arrefecendo depois, o incêndio,
agora, era bem plácido...
e tinha apenas línguas de fogo azul...

Ao sul,
passou outra estrela
e soube que ali uma irmã já tinha caído...

Seguiu seu rumo, rumo a outro jardim
onde outro incêndio ocorreria, dando fim
a outra família de jardineiros; pensando:

"Veja, amiga estrela, a que viemos:
somos as serpentes cadentes passando,
que vieram trazer ao mundo o fim das gentes."

ESSE LANCE DE ESTÉTICA É EXAGERO

às quatro da tarde
tem gente que salta de paraquedas
ao decolar nos aviões
que cobrirão a plantação

dez minutos depois
tem gente à espera
que do céu caia água,
pois etanol é preciso
como cobrir o solo com palha

tem gente em Piracicaba
que anda em esperança escassa,
carrega o desemprego encravado,
nunca visitou o aeroporto
e, ainda assim, assistirá o outro
voando no meio dos corvos
ao sair na porta de casa
e descansar nas cadeiras
de balanço na calçada

a vida, às vezes, é longe das praças

MEUS AMIGOS ESTÃO TODOS PREOCUPADOS

mas o nosso interesse
em ter esse desespero
transformado em aprendizado
ainda faz a esperança
de se ter mais paz no peito
ser maior do que dizemos
sobre nossos sentimentos
a quem não entende nada

Raí Prado Morgado
(Caraguatatuba, 1999) é estudante de Gestão Ambiental da ESALQ/USP, em Piracicaba, e escritor responsável pelo Sob o Silêncio, projeto literário com mais de 50 mil seguidores. Expõe e vende itens artesanais do projeto em eventos culturais pelo estado de São Paulo, e tem poemas publicados pela revistas Subversa, Vício Velho, Mallarmargens e Ruído Manifesto, no Brasil, e pelo coletivo MásPoesia, na Argentina.

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

Neruda,
Escrevo-te esta carta
Porque preciso de ajuda,
Poderias me enviar da Ilha Negra
Um punhado de peixes cintilantes,
Um sopro de vento salgado,
O som dos sinos
De quem entra
Em teu jardim?

Neruda,
Escrevo-te esta carta,
Acode-me,
Assim como cantaste
Os rios da América:
O Amazonas,
O Orinoco,
Artérias nas cordilheiras
Onde a neve
Desliza úmida
E as rosas explodem selvagens,
Cantei minha terra
Cheia de pássaros e pantanais,
Tiritei de frio
Sob os astros siderais.

Neruda,
Escrevo-te esta carta
Porque tudo muda a cada dia,
Menos o dever do poeta
De levar sonho,
Luz e noite,
Razão e desvario
No meio das revoluções que eclodem
Em sangue
E fogo sombrio.

Neruda,
Escrevo-te esta carta,
A face sisuda,
Perdi amigos
Como também perdeste:
Federico, o inventor de estrelas,
Éluard, o camarada francês,
E Gabriela Mistral,
A amada filha dos joios,
Que tremulavam amarelos
Entre pedras e canais.

Neruda,
Escrevo-te esta carta
Porque estou triste
E posso escrever versos tristes esta noite,
Não desgruda de mim essa névoa,
Essa mágoa
Como a que borrifava
Tuas carrancas de proa
Nos oceanos perdidos.

Estou acorrentada
Na minha Ilha Negra,
Entre livros,
Jacarés,
Cristais partidos,
Fragmentos de lembranças.

No peito
Bate o coração
Como um relógio sufocado na areia;
Armada até os dentes
De uma ardente paciência,
Entrarei nas esplêndidas cidades,
Assim profetizou Rimbaud
E sei em que tenho crido:
No pão que amasso
Com minhas mãos,
Meu espírito,
Minha respiração,
Pois nada foi esquecido.

Escrevo-te esta carta Neruda,
Na luta pela felicidade,
Na fé que se exercita
Por longos anos
De amor indelével
Pelo ofício.

Aguardo resposta,
Uma letra
Que venha
Como um navio numa garrafa,
Como o fantasma de uma casa,
O vibrar de uma onda
Ou o toque de uma asa de gaivota.

Aguardo Neruda,
Sou devota,
Inclino-me atenta ao silvo da poesia,
Sacerdotisa dedicada
A uma absurda liturgia.

COTIDIANIDADES

I.
olhares absortos
cruzam-se
em absurdas vias triviais...

inda que intrusos
sobreolham-se
em degraus
encandeados de degredos...

II.
obscuros olhares
observam-se
e servem-se
e redimem as pálpebras habitadas
nas fronteiras do ímpeto...

– obstinadamente mentem
[nada obstante
as intrusas obsessões]

III.
obscenos olhares
abraçam-se sem acenos
nem incensos...

– em incêndios absconsos
abracadabram-se
nas abas
dos sensos e *cossenos*
das exterioridades...

IV.
olhares abstratos
demarcam obstáculos
e aquietam-se
irrealizados de volúpias...

em sinuosas inconfidências
observam-se e absorvem-se
servem-se
e absolvem-se
entre sarjetas e arranha-céus...

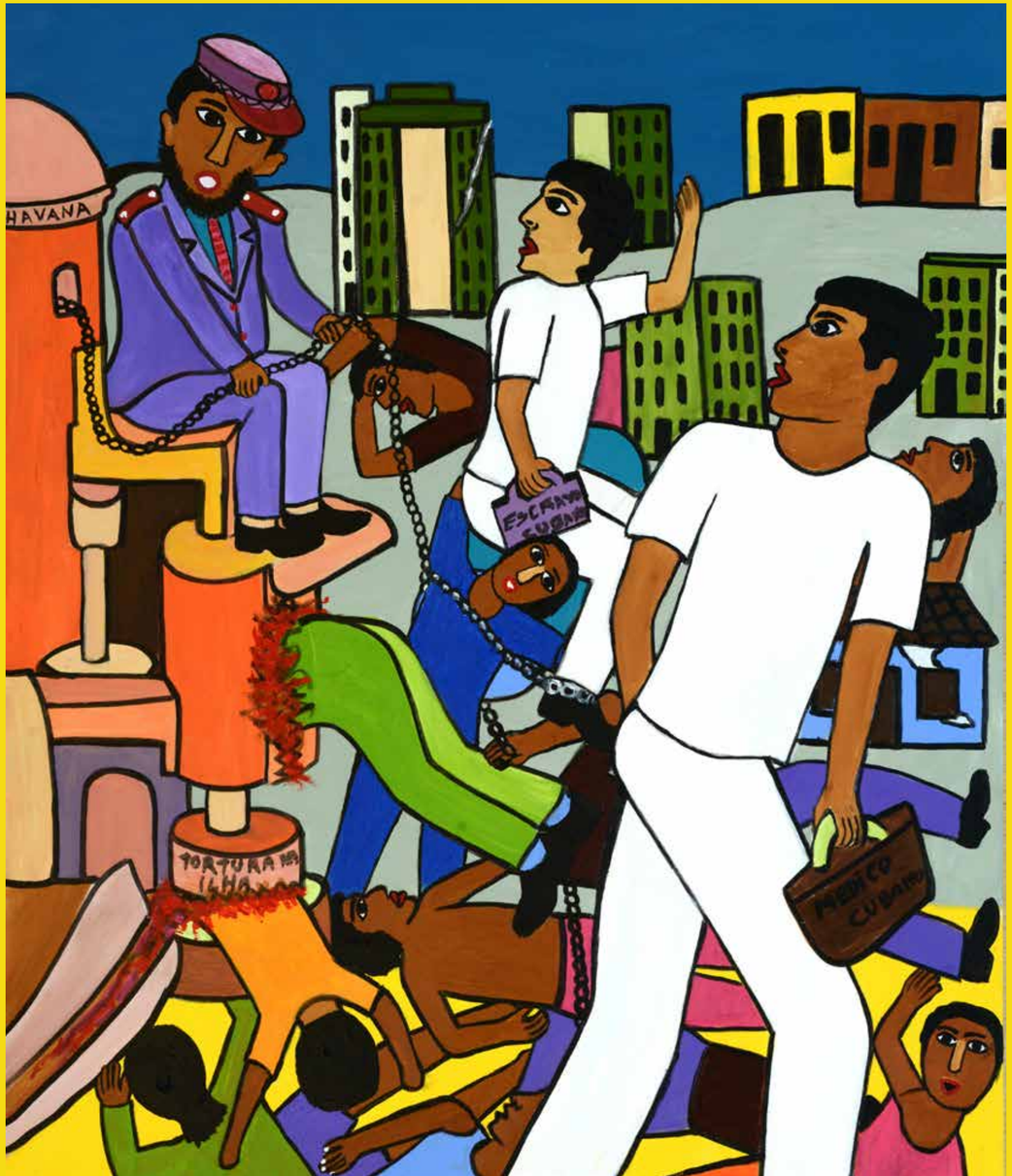
ESTAÇÃO NIRVANA

no primeiro poema
terei que partir...

mas não levo mala
nem o velho relógio
nem traje de gala

a minha urgência já foi num trem-bala...

Rubenio Marcelo
É poeta, compositor e crítico, membro efetivo e atual secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Cadeira nº 35) e membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Autor de 12 livros publicados e 3 CDs. Recentemente, lançou o livro "Palavras em Plenitude – prosa e crítica cultural", e o CD musical "Parcerias: na poética de Rubenio Marcelo". É um dos autores homenageados no livro "Vozes da Literatura" (FCMS), reunião de autores contemporâneos. Também advogado e revisor, reside em Campo Grande/MS.



A IMAGEM

A imagem do que se tem
e a imagem do que se é
em contraste
no banco do carro
na cama de dormir
e no trabalho

os desejos genuínos
e a luxúria
em uma dança
no fundo da mente
na ponta do corpo
nos lábios nos lábios

os sonhos do futuro
e as gulas do presente
em guerra
no segundo que passa
no minuto que vem
na espera

o que ela quer
e o que ela imagina
em um casamento
para o resto da eternidade
por um mero momento
um momento

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

NEM

Nem não era mulher. Nem nasceu homem, virou mulher pela força das circunstâncias. Filho último de sete irmãos, foi parido em algum lugar nos rincões do Mato Grosso. De mãe puta e pai desconhecido, cresceu entre o bordel e o garimpo. Costumava se banhar desnudo no rio junto às outras crianças. Brincava com as roupas da mãe, seus sapatos e maquiagem, de frente ao espelho, a cara toda pintada. Então todos riam de Nem. E todos riam de Nem, pois se não rissem de Nem provavelmente não ririam nunca. À noite desfilava escondido entre as mesas do pátio, observando o semblante duro de homens tristes e solitários que iam ter com as mulheres de vida difícil. Escutava os risos abafados na penumbra vermelha, a música alta, os gracejos, o pesado perfume, sem compreender aquilo que ardia em seu peito. Assim, de braços e o coração endurecidos, como devem ser os homens fortes, Nem cresceu e viveu o desejo de ser outra pessoa. Esperando sob os frondosos mangueirais na beira do rio, o Guaporé, o de Mortes, o de Saudades, de águas frias, escuras, que corria para qualquer lugar, talvez lugar nenhum, que nem a vida. Nem não era mulher, Nem nasceu homem. Virou mulher pela força das circunstâncias, quando os amigos e os amantes não souberam voltar dos caminhos que a vida traçou, quando o passado já não se afigurava como lembrança, mas apenas evocação poética.

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – campus Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

QUINTAS PELA CURA DE UM CORAÇÃO PARTIDO

Noite iluminada
Estrela guia
Amor ausente
Saudade lancinante
Agonia...

Coração doente
Vida vazia
Ilusões perdidas
Morte iminente
Angústia.

Paixão ardente
Esperança vã
Amor desperdiçado
Solidão latente
Divã!

Sonho juvenil
Amor platônico
Afeto sublimado
Sentimento adolescente,
Anacrônico.

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou "Confissões Essenciais", pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

O JACARÉ E A MENARCA

Os grupos Mamainde e Negarotê, da etnia Nambiquara, edificam suas casas em uma parte das terras férteis do Vale do Guaporé, entre os rios Pardo e Cabixi, em Mato Grosso. Seu território é responsável por nutrir seus membros com o trabalho da caça, da pesca, da agricultura, da coleta, dos rituais, das sessões de cura, do divertimento, do nada fazer.

Vem do tempo mítico, do *ab initio*, o hábito de festejar a menarca. Com esmero, homens e mulheres cuidam de todas as etapas de tão importante momento na vida de uma mulher, da comunidade. Sob a proteção de um enorme jacaré mítico, morador de uma lagoa sagrada, a menina-moça é resguardada da luz do sol. Diariamente, o corpo da menina é preparado por mulheres, quando untam com tintura de urucum, até que troque de pele para, ao término da reclusão, sair revigorada, apta à vida a dois, junto ao seu marido.

Em uma Lua, período que corresponde a um mês, a cantoria durante a noite celebra a vida que se renova. Vozes reproduzem cantigas recentes e ancestrais, passadas de geração a geração. Tempos misturam-se, trazem lembranças dos donos das músicas, sentem saudades daqueles que não estão mais ali, comemoram a visita dos espíritos de seus antepassados que atendem aos convites em cantos apelativos.

Acreditam os índios que se enfeitar indica um dos caminhos para obter a proteção contra os maus espíritos. Embelezam-se com brincos de madrepérola, adorno plumário de cabeça, colar de coco tucum, braçadeiras, jarreteiras e tornozeleiras para satisfazer a vontade dos espíritos.

Os adornos e a boa música enaltecem os convidados que chegam para privilegiar a moça homenageada. Preocupam-se em levar às letras musicais seus modos de viver, entrelaçados aos sons oriundos de instrumentos musicais e de vozes de homens e mulheres que perpetuam e ressignificam um repertório de composições, de extraordinária grandeza.

Algumas lagoas dos grupos Mamaindê e Negarotê que estão fora dos limites da Terra Indígena Lagoa dos Brincos correm risco de secar em consequência do desmatamento desmedido. Os índios pedem, sem sucesso, a revisão da área de ocupação ancestral para proteger águas e seres míticos das lagoas que protegem meninas-moças. Enquanto isso, o jacaré mítico continua em estado de alerta para que as águas das lagoas não sequem, os moluscos das conchas não morram e possam continuar a enfeitar homens e mulheres que celebram a vida.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA